

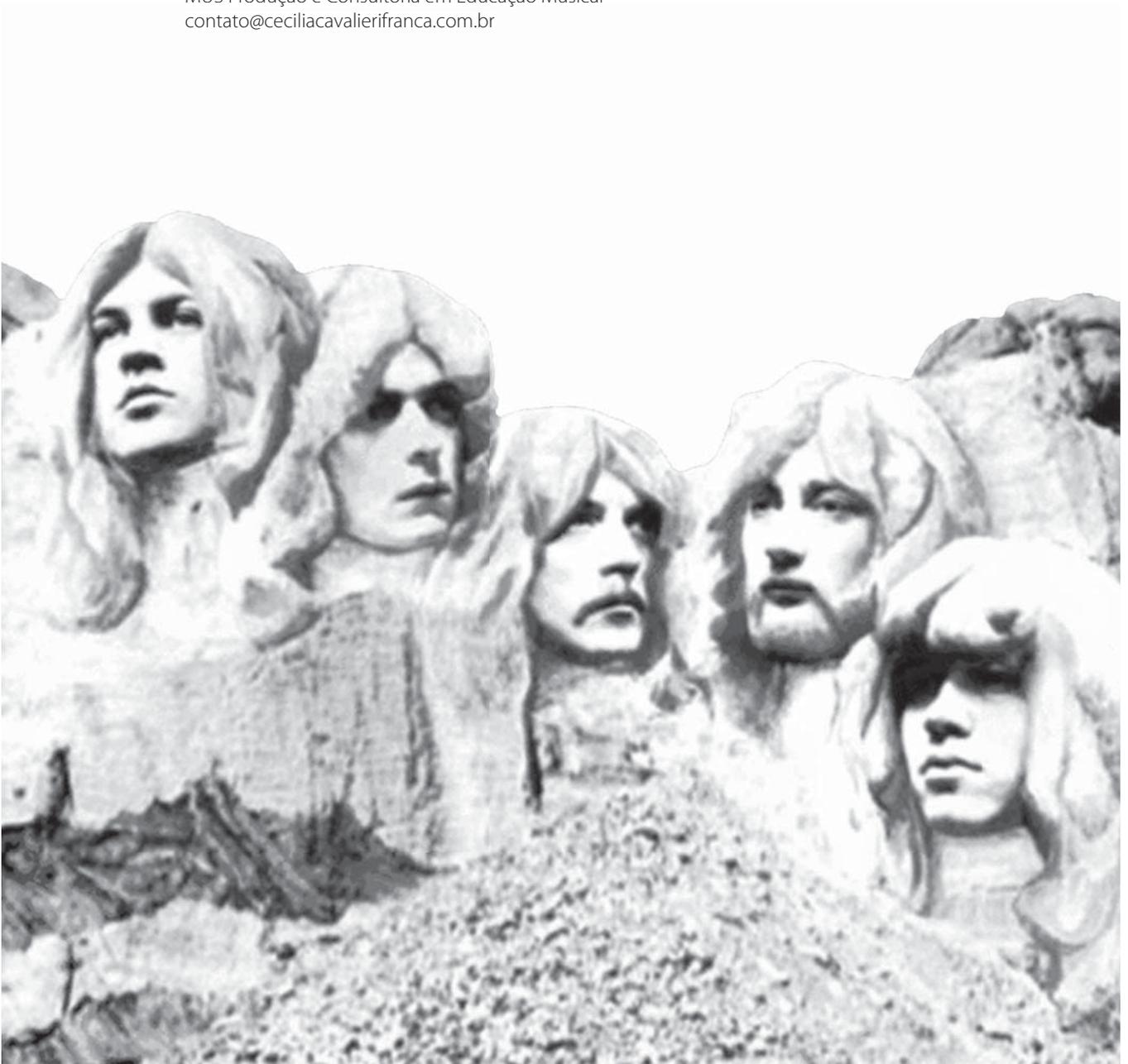


MÚSICA na educação básica

Riffs forever: o rock na sala de aula

Cecília Cavaliéri França

MUS Produção e Consultoria em Educação Musical
contato@ceciliacavaliierifranca.com.br





Resumo: O rock é um gênero musical de grande impacto sonoro e expressivo que tem sido pouco aproveitado na educação musical. “Clássicos” do rock podem compor um projeto voltado para turmas de adolescentes, o qual teria como ponto de partida os marcantes *riffs* de guitarra que conferem identidade a esse tipo de música. Segundo preceitos da educação musical contemporânea, é possível integrar apreciação, performance, criação, história, técnica e leitura musical. Assim, os jovens ficariam altamente motivados a conhecer, explorar, tocar e reinventar o rock na sala de aula, usando voz e instrumentos disponíveis.

Palavras-chave: Rock na sala de aula; *riffs*; música popular.

Riffs forever: rock in the classroom

Abstract: *Rock is a musical genre of great expressive and sonorous impact that has been overlooked in music education. Rock classics may integrate a project for teenagers, starting from remarkable guitar riffs that give identity to the songs. Following contemporary principles of musical education, it is possible to integrate listening, performing, creating, history, technique and musical reading. Students may get highly motivated to know, explore, play and recreate rock in classroom, using their voices and the available instruments.*

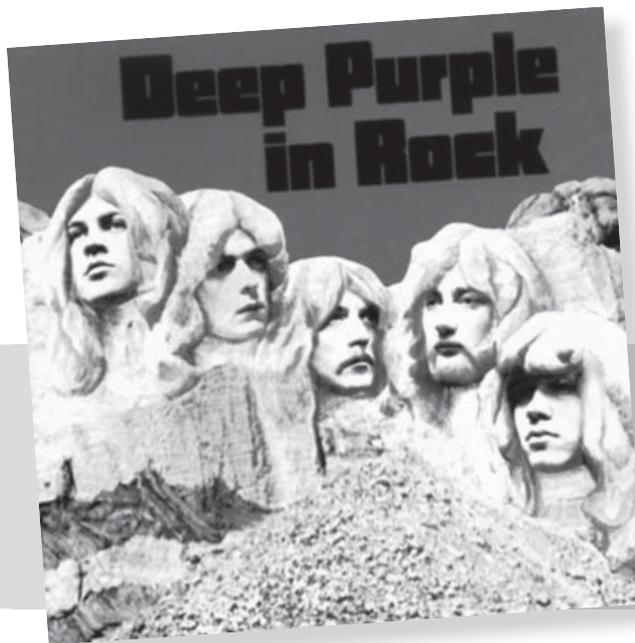
Keywords: *Rock in the classroom; riffs; popular music.*

FRANÇA, Cecília Cavalieri. *Riffs forever: o rock na sala de aula.* **Música na Educação Básica.** Londrina, v.4, n.4, novembro de 2012.





MÚSICA na educação básica



Capa do LP *Deep Purple in Rock*

Calças boca de sino, cabelos longos, capas de LPs irreverentes, multidões frenéticas, relações conturbadas, envolvimento com drogas. O rock se firmou como símbolo e sintoma de uma época protagonizada por uma cultura jovem, urbana e rebelde. Canalizou seus ideais de contestação e tornou-se força “catalisadora dos [seus] desconfortos, sonhos, vivências, desencantos, esperanças e revoltas” (Aurélio, 2009, p. 10).

O rock é muito mais do que os padrões sonoros ou as letras das canções: é uma leitura de mundo. Seu conteúdo, seja contestador ou alienado, intelectual ou sentimental, comunica significados e dita padrões de comportamento, alimentando uma poderosa indústria do entretenimento que gira cifras gigantescas vinculadas à mídia e à cultura de massa.

De onde vem a força desse gênero musical? Wicke (1990, p. 1) responde: do “material sonoro esteticamente relevante”. Na prática: ritmo dançante e de fácil assimilação, compasso quaternário com marcação no baixo e na bateria, riqueza tímbrica da guitarra com efeitos de reverberação e distorção, harmonia frequentemente modal, volume altíssimo, talento e carisma dos músicos, shows, superproduções, forte sinergia entre banda e plateia. A matéria do Portal Terra sobre o show da banda AC/DC realizado em São Paulo, em 2009, ilustra:

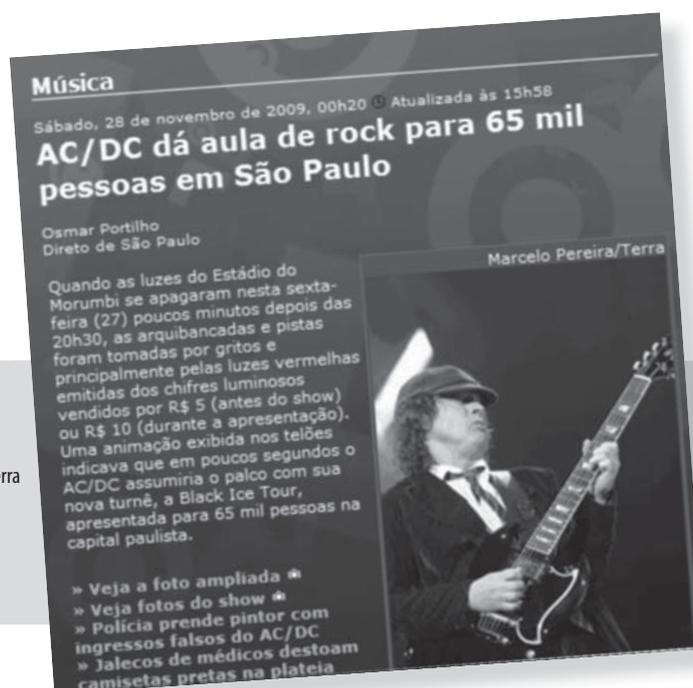


Com a inseparável Gibson SG, o guitarrista fez um verdadeiro portfólio musical usando toda sua técnica com *riffs* e solos variados com feeling e velocidade. Nesta parte da aula, Angus mostra que a pose também é vital para um roqueiro. [...] sob uma chuva de papel picado, o guitarrista seguiu incansável solando em uma plataforma erguida a mais de dez metros de altura (Portilho, 2009).





Matéria do Portal Terra



A tecnologia também teve papel decisivo na construção e na divulgação do gênero (Cardoso Filho, 2010). Sua estética foi favorecida pela tecnologia de gravação (Gracyk, 1996, p. 1) e por um envolvimento criativo dos músicos “com amplificadores, microfones, máquinas de efeitos especiais e sintetizadores” (Wicke, 1990, p. 22). Tudo era disponibilizado em diversas mídias: jukeboxes, rádio, LPs, singles, cinema e televisão.

Traçar uma breve história do rock é tarefa ingrata até mesmo para os especialistas¹. Desde que Chuck Berry cantou Roll over Beethoven, que Elvis Presley surgiu com sua dança provocativa e que Bill Halley and the Comets dançaram “around the clock” (1954), juntando um ritmo dançante ao som das guitarras elétricas, a música nunca mais foi a mesma.

O gênero foi se construindo no decorrer da década de 1950, a partir do rock’n roll e do rockabilly, os quais têm raízes no blues, no country e no rhythm and blues (Tinti, 2003). Nos anos 1960, o mundo conheceu o maior fenômeno de todos os tempos, The Beatles, que venderam mais de dois bilhões de LPs, EPs, K-7, singles, CDs e DVDs (Aurélio, 2009, p. 85). O rock tornou-se progressivo, com músicas muito longas (ex.: Yes, Genesis, Pink Floyd), psicodélico, com efeitos e distorção (Jimmi Hendrix), entre outros. Nos idos de 1970, vieram as bandas de hard rock (Led Zeppelin, Deep Purple), glam (Queen). Entre os representantes brasileiros dessa geração, incluem-se bandas como Mutantes, Secos e Molhados e O Terço. Nos anos 1980, apareceram diversas correntes, como new wave (The Police, Talking Heads) e hair metal (Guns’n Roses, Kiss), para citar apenas alguns



1. Para um resumo da história do rock e uma definição dos subgêneros, ver Tinti (2003), disponível em <http://whiplash.net/materias/biografias/000398.html>.





MÚSICA na educação básica

exemplos. No Brasil, surgiram as bandas Legião Urbana, Ultraje a Rigor, Titãs, Paralamas do Sucesso e outras.

Com a invenção dos videoclipes e o surgimento da MTV, o rock ganhou visibilidade e nunca parou de se reciclar. A força dessa música sobrepõe-se aos modismos: sucessos dos anos 1960, 1970 e 1980 são chamados de “clássicos”. Ainda hoje são ouvidos, cantados, admirados, regravados e comercializados. A juventude que “consumia” rock naquela época continua fiel aos seus ídolos e vem envelhecendo junto com eles. Hoje, também chama atenção o fascínio dos jovens por essa música, que pode enriquecer as práticas e as sonoridades na educação musical

Rock na sala de aula?

O rock é um gênero musical dançante, empolgante, de grande impacto emocional e expressivo. Como abordá-lo em sala de aula, sem guitarras, baixos elétricos, baterias, amplificadores e isolamento acústico? Minha preocupação é que não se crie uma caricatura de rock nem se reduza tudo a seções de apreciação e história. É possível contemporizar as ricas possibilidades do gênero e os recursos disponíveis nas escolas, dispondo da voz e de instrumentos acessíveis, como xilofones, flautas, percussão e alternativos.

Green (2002 e 2008) mostra como a educação musical pode incorporar relações de ensino e aprendizagem derivadas das práticas informais. Sem imposições do professor, tem lugar o aprendizado colaborativo, baseado na experimentação, a partir de músicas escolhidas pelo grupo; enfatiza-se o “tirar de ouvido” e a improvisação, raramente usando-se notação convencional. Esse processo envolve uma profunda integração do ouvir, tocar, improvisar e compor, com ênfase na criatividade pessoal (Green, 2008, p. 10). A prática de tocar seguindo o CD – e não o professor – permite captar a totalidade da performance, o swing, a levada; os detalhes vão sendo incorporados gradativamente (Green, 2008, p. 54).

Observando jovens integrantes de bandas, Souza et al. (2003) também constataram que eles constroem sua aprendizagem de maneira informal e autodidática. A performance é imitativa e as músicas são tiradas de ouvido. A composição acontece por tentativa e erro, por meio de colagens (variações de padrões extraídos do repertório ouvido); eventualmente, questões técnicas levam a modificações dos arranjos. A música “do mundo real” desperta uma motivação inquestionável nos alunos. Abre-se um canal onde circulam preferências, valores, estabelecem-se identidades e, ocasionalmente, vínculos para a vida inteira.

Neste artigo, meu foco serão os *riffs*, especialmente de guitarra. *Riff* é um motivo marcante que geralmente aparece na introdução e se repete durante a música, conferindo-lhe identidade. São melodias compostas por poucas notas, a partir da escala pentatônica e sobre uma harmonia simples. Rankings dos melhores do rock – bandas,





álbuns, músicas, solos, *riffs*, instrumentistas e cantores – são lançados com frequência em revistas e sites especializados (Rolling Stones, Total Guitar, New Musical Express e outros) e em uploads de internautas no Youtube e em redes sociais. Parti dessas listas para escolher as músicas deste texto, orientando-me pelos seguintes critérios: impacto sonoro e musical; possibilidades didáticas e habilidades técnicas envolvidas; representatividade das bandas ou álbuns, dentro de um recorte temporal que engloba as décadas de 1960 a 1980. No mais, pesou meu gosto pessoal.

As propostas consistem em uma abordagem inicial e prática que pode compor um projeto de algumas semanas ou meses em classes de adolescentes. Conforme preceitos da educação musical contemporânea (Swanwick, 2003 e outros), procura-se integrar apreciação, performance, composição, com ênfase na prática e na criação de arranjos. As músicas propostas podem ser contextualizadas historicamente dentro do gênero e do panorama musical da época. Do ponto de vista técnico, é importante que as atividades sejam acessíveis ao nível dos alunos. Para tanto, o professor pode oferecer notas de referências quando os alunos vão tirar de ouvido, pode simplificar as linhas rítmicas e melódicas e dividir motivos entre duas ou três vozes, como será exemplificado nas propostas. Com relação à leitura musical, é importante frisar que esta será apresentada neste texto como referência para o professor. É interessante que as atividades sejam realizadas oralmente, e não a partir da leitura. No entanto, a inclusão da leitura do respectivo trecho musical em algum momento da atividade pode contribuir para a fixação dos motivos e para o progressivo domínio funcional da escrita. Partindo especialmente dos *riffs* de guitarra, é possível conhecer, explorar, tocar e reinventar o rock na sala de aula.

Layla – roqueiros também amam

Presença em todas as listas de melhores rocks, *Layla*, de Eric Clapton e Jim Gordon, foi lançada no álbum *Layla and Other Assorted Love Songs*, de 1970, da banda Derek and the Dominos (Derek era um codinome usado por Clapton). A música é famosa tanto pelos solos de guitarra quanto pela história de amor que lhe deu origem. Eric se apaixonou pela esposa de George Harrison, Pattie Boyd, com quem veio a se casar anos mais tarde (Layla era o nome da personagem de uma história de amor que Eric estava lendo na ocasião). O refrão diz tudo: “*Layla, you’ve got me on my knees / Layla, begging, darling, please / Layla, darling won’t you ease my worried mind?*” (Layla, você me deixa de joelhos / Layla, eu estou implorando, querida, por favor / Layla, querida, você não vai acalmar minha mente preocupada?”).





Capa de *Layla and Other Assorted Love Songs*

A gravação de *Layla* dura mais de sete minutos, contendo todos os ingredientes para uma escuta tocante. A estrutura tem duas partes contrastantes, compostas respectivamente por Clapton e Gordon: a primeira é marcada pelo *riff* passional de Duane Allmann, que parece um clamor quase suplicante; na segunda, as guitarras cedem lugar a um solo de piano adocicado, chamado de “piano coda”. Essa parte é mais lenta e tem outro caráter e outra tonalidade (Dó Maior).

O *riff* usa a escala de ré menor pentatônica, típica do rock. Ele foi tomado “emprestado” de um verso do blues *As the years go passing by*, de Albert King. Em *Layla*, ele aparece mais rápido e tem o timbre ácido da guitarra. Após ser tocado duas vezes no registro médio, ele surge na outra guitarra, mais agudo, e segue com notas sincopadas.

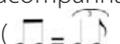
Riff de *Layla*

♩ = 116

The musical notation for the Layla riff is presented in two systems. The first system shows the initial 4-measure phrase in D minor, 4/4 time, with a tempo of 116. The second system starts at measure 5 and includes a first ending (1.) and a second ending (2.). The notation uses a treble clef for the guitar and a bass clef for the bass, with a key signature of one flat (Bb).



Na entrada da voz, a tonalidade muda para dó# menor / Mi Maior. Estrofes e refrão (onde o *riff* retorna) seguem se alternando. Após um longo solo de guitarra, surge o “piano coda”.

Há inúmeras versões de *Layla* no Youtube, o que é uma excelente oportunidade para se observar os arranjos e as mudanças de caráter e até de gênero. Em 1992, Eric Clapton recebeu um Grammy de melhor canção de rock com a leitura acústica – digite “Layla (MTV Unplugged)” na busca do Youtube. Essa versão é mais lenta, tranquila e cantada uma oitava abaixo. O solo também é mais grave e menos agressivo. O *riff* torna-se uma melodia com quatro notas – lá, si bemol, dó, ré –, cujo movimento melódico pode ser trabalhado de ouvido. O encadeamento harmônico mantém sempre três acordes, que podem ser identificados e realizados em instrumento harmônico ou com a voz entoando os baixos. Caso haja instrumentistas, podem ser feitos arranjos com solo, acompanhamento e percussão. As colcheias devem ser tocadas com swing do blues: (). Para finalizar, o solo pode ser registrado em gráfico ou no pentagrama.



Solo da versão acústica de Layla

♩ = 90

Dm Bb C Dm Bb C Dm

6 Bb C Dm Bb C C#m

Explore com os alunos o caráter, o arranjo e a estrutura destas versões, disponíveis no Youtube:

Versão *a la* New Orleans: após a *jam* inicial, entra o solo de Winton Marsallis e, imediatamente, reconhecemos *Layla* com tempero jazzístico, em um andamento mais recuado.

Gravação no Royal Albert Hall, em Londres, 1988: é especialmente movida e conta com a participação de Mark Knopfler (Dire Straits) na guitarra.



Smoke on the Water – e o rock incendeia

Fumaça na água, literalmente: um incêndio foi a inspiração para essa música da banda britânica Deep Purple. Os rapazes haviam programado a gravação do álbum *Machine Head* (1972) no estúdio móvel dos Rolling Stones, que seria montado em um cassino em Montreux, na Suíça. Na véspera do início das gravações, houve um incêndio durante um show de Frank Zappa. A cena da fumaça encobrindo o lago de Genebra inspirou os músicos, que assistiam a tudo à distância.

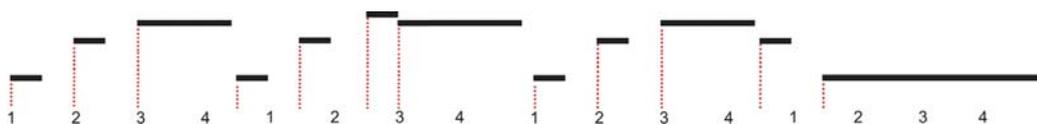
Essa história é o conteúdo literal da letra da música, cujo refrão lamenta: “*Smoke on the water / fire in the sky*” (“Fumaça na água / fogo no céu”). O riff, implacável e assertivo, é um dos favoritos dos guitarristas iniciantes. É formado por quatro notas da escala de blues (sol – sib – dó – réb), que são tocadas em intervalos de 4ª (a 5ª invertida).

Riff de *Smoke on the Water*



O ritmo é marcante pela alternância de ataques no tempo e no contratempo. É interessante trabalhá-lo em ação combinada sobre o pulso tocado em instrumento de percussão. A escrita gráfica pode favorecer a compreensão do deslocamento rítmico.

Esquema rítmico do riff de *Smoke on the Water*



O riff pode ser facilmente realizado no teclado, no violão ou na guitarra. Na ausência de instrumentos, use vozes e acompanhamento de palmas e percussão. Construa um esquema da estrutura da música com os alunos, a partir do qual eles possam alternar o riff com improvisação nas estrofes ou refrão.

Assista:

Apresentação no Royal Albert Hall, em Londres, em 1999 - Deep Purple e Steve Morse Band com uma orquestra sinfônica (digite “Smoke on the water Live HD”).

Versão gravada no Festival de Montreux, em 1996: após uma introdução de dois minutos, a entrada do riff é arrebatadora.



Sweet Child O' Mine – hard rockers também amam

Um dos maiores sucessos da banda Gun N' Roses, de Los Angeles, tem um *riff* melódico de sabor romântico – o mais famoso da história do rock, segundo as revistas *Total Guitar* e *New Musical Express*.

Conta-se que Slash e Izzy Stradlin estavam praticando esse tema, entediados, enquanto Axl Rose escrevia a letra no andar de cima. A canção foi lançada no primeiro álbum da banda, *Appetite for destruction*, em 1987.

Axl escreveu a letra para sua namorada: “*She’s got a smile that it seems to me / Reminds me of childhood memories / Where everything was as fresh / As the bright blue Sky*” (“Ela tem um sorriso que para mim parecem lembranças de infância / Onde tudo era tão fresco como o brilhante céu azul”).

O *riff*, todo em colcheias, tem um padrão melódico dedilhado em Ré Maior mixolídio. A cada dois compassos, a nota inicial muda, conduzindo a harmonia.

Riff de Sweet Child O' Mine

♩ = 120

D C

5 G D

Chame a atenção dos alunos para a maneira como o *riff* foi construído: o que se mantém e o que muda a cada compasso? Alunos instrumentistas podem tirar a melodia de ouvido com a ajuda dos colegas. Em um arranjo em grupo, o *riff* pode ser desdobrado entre instrumentos iguais (flautas, violões, xilofones) ou diferentes, incluindo vozes. Timbres mistos combinados conferem uma sonoridade interessante e efeito estereofônico. O baixo em semibreves pode ser sustentado por uma voz grave ou ser tocado em acorde no violão; a linha central, com colcheias em contratempos, pode ser realizada em um xilofone, solado no violão ou na flauta; a linha mais aguda, em semínimas, pode ser feita até com sinos ou garrafas com água, afinadas de acordo.



Arranjo do Riff de Sweet Child O' Mine

♩ = 120

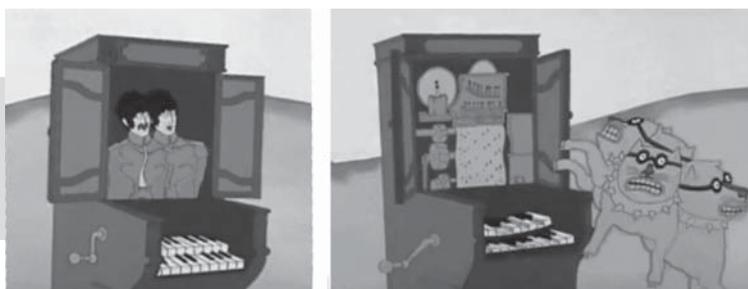
5

Sobre essa base, outros alunos podem improvisar melodias, criar temas e letras. Incentive-os também a mudar de tonalidade, experimentando tocar em outras notas. Eles irão se deparar com novas possibilidades e combinações harmônicas. O resultado pode ser surpreendente, com várias versões e variações da canção original.

O bulldog e o submarino

Dos Beatles, que trouxeram “consequências imperecíveis para a música, a estética e a cultura popular” (Aurélio, 2009, p. 11), escolhi uma canção menos notória, *Hey Bulldog*, da dupla Lennon e McCartney (1968), devido ao *riff* de piano cheio de cromatismos, no estilo “agente secreto”. Essa canção integrava a trilha sonora do filme de animação *Yellow Submarine*, mas foi cortada na edição final e permaneceu desconhecida até o lançamento da edição remasterizada em 1999. Foi a última música que o grupo escreveu e gravou junto, antes de os músicos começarem a se estranhar.

Cenas de *Hey Bulldog*





O conteúdo da letra é *nonsense*: “*Sheepdog standing in the rain / Bullfrog doing it again / Somekind of happiness is measured out in miles / What makes you think you’re something special when you smile*” (“Cão pastor esperando na chuva / Sapo-boi fazendo isto de novo / Um certo tipo de felicidade é medida em milhas / O que te faz pensar que você é algo especial quando sorri”).

Riff de Hey Bulldog

♩ = 110



A realização desse *riff* exige alguma prática. O ideal é tocá-lo no teclado, violão ou guitarra, mesmo que simplificado; ou também em um metalofone cromático. Empregando o *riff* como base ou refrão, os alunos podem criar narrações, temas falados ou cantados, experimentar mudanças de andamento e registro para caracterizar o clima de suspense e ação.

Assista:

Yellow Submarine se passa em Pepperland, lugar paradisíaco, situado a 80 mil léguas submarinas, que havia sido atacado pelos Blue Meanies, cujo intuito era acabar com sua música, suas cores e sua alegria. Os Beatles embarcaram no submarino amarelo em missão de salvamento. Visual psicodélico, canções com jeito de criança e personagens bizarros podem render momentos lúdicos e inspiradores.



Capa e cenas de *Yellow Submarine*



Beat it – o rock do Rei do Pop

Beat it é um dos poucos rocks de Michael Jackson. Foi composto a pedido de Quincy Jones, seu produtor, para o álbum *Thriller*, de 1983, que vendeu 140 milhões de cópias em todo o mundo. *Beat it* foi a primeira música tocada simultaneamente em rádios voltadas para o público negro e o branco. A letra é um protesto contra as brigas de gangues de rua, representadas no videoclipe: “*Just beat it (beat it). Beat it (beat it) / No one wants to be defeated*” (“Apenas caia fora, caia fora, caia fora, caia fora / Ninguém quer ser derrotado”).

O vigoroso *riff* criado por Eddie Van Halen começa com o arpejo ascendente em mi menor e desce, em graus conjuntos, para Ré, ambos os motivos começando em anacrusas sincopadas. Os compassos seguintes são uma variação que continua no baixo elétrico. A execução desse trecho exige um pouco de prática e pode ser feita por um aluno mais experiente; alternativamente, o *riff* pode ser cantado. A segunda parte pode ser simplificada, deixando-se somente as notas mais agudas.

Riff de *Beat it*, adaptado

♩ = 140



Quando entra a voz, a guitarra realiza um motivo sobre três acordes:

Acompanhamento de *Beat it*

♩ = 140



Os alunos podem tocar essa parte no teclado, xilofone, flauta, violão ou outro instrumento melódico. Depois desse trecho, o *riff* reaparece no refrão; mais à frente, vem o impressionante solo de Van Halen. O arranjo pode ser enriquecido com instrumentos de percussão, os quais podem mantê-lo brilhante e movido.

Assista

Videoclipe original; chame a atenção para a coreografia e o tema abordado.

Vídeo da History Germany Tour, ao vivo, em Munique, 1997.

Releitura de Milton Nascimento do CD *Crooner*: Discuta como essa versão se distanciou do original: instrumentos utilizados, vocais, arranjo e estilo.



Que país é esse? – O poeta-roqueiro

O marco inicial do rock brasileiro foi a gravação de *Estúpido Cupido* por Celly Campello, em 1959. Surgiram a Jovem Guarda e o iê-iê-iê, Raul Seixas e os Secos e Molhados. Na década de 1980, o rock nacional ganhou peso com bandas como Legião Urbana, Barão Vermelho, Paralamas do Sucesso, Ultraje a Rigor, Capital Inicial, Kid Abelha e outras.

Em sessões de apreciação musical, podem ser trabalhadas semelhanças entre a *beatlemania* e a Jovem Guarda, a psicodelia e o tropicalismo, o *heavy metal* e progressivo e o rock brasileiro dos anos 1970, o punk inglês e o brasileiro, o pop e a geração 1980 do rock nacional.

Renato Russo, vocalista do Legião Urbana, marcou o rock nacional dos anos 80 com sua crítica intelectualizada e poética. A canção *Que país é esse?*, composta em 1978 e lançada em 1987 no álbum de mesmo nome, é uma das primeiras da “linha politizada” do rock brasileiro (Santa Fé Júnior, 2005).



O *riff* aparece após a introdução, com entrada gradativa dos instrumentos. A música tem como base três acordes: Em, C e D. O vocal é bem agressivo, a propósito da letra, que denuncia a corrupção dominante do país, especialmente em Brasília.





MÚSICA na educação básica

Riff de Que país é esse?

♩ = 140



6

Trabalhe a percepção da harmonia, solicitando a um grupo de alunos que entoe a sequência das fundamentais dos acordes – mi, dó, re, mi, etc. A melodia pode ser tirada de ouvido no teclado, violão, flauta ou xilofone e acompanhada por percussão. Os alunos podem se inspirar na letra para criar estrofes que falem sobre cotidiano, política e outros temas.



Assista:

Gravação acústica dos Paralamas do Sucesso, com Dado Villa-Lobos ao violão.

Capital Inicial, em versão mais “heavy”, gravada em show em Brasília, tendo o Congresso Nacional como cenário. Discuta com os alunos sobre mudança de caráter, instrumentação, timbre vocal, arranjo e estrutura dessas versões.

Forever

O projeto pode culminar com a composição coletiva de uma canção de rock. Os alunos devem criar um *riff* com personalidade rítmica ou caráter mais melódico, que se imponha como marca ou identidade da música. Depois de compreender e recriar “clássicos” do rock, eles sentir-se-ão motivados a criar suas próprias músicas. Vale até produzir um festival, gravar e compartilhar as músicas em redes sociais. Lembre-se: a qualidade do processo e dos produtos musicais depende, em grande parte, de habilidade, empolgação e criatividade do professor. Portanto, ouça, pesquise, descubra, compare, pratique, toque, cante e dance, para que suas aulas sejam inspiradas e autênticas como rock.





Referências

AURÉLIO, D. R. Dossiê Beatles: a banda que influenciou gerações. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

CARDOSO FILHO, J. Da performance à gravação: pressupostos do debate sobre a estética do rock. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós. Brasília, v. 13, n. 2, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/491/434>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

GRACYK, Theodore. Rhythm and noise: an aesthetics of rock. London: Duke University Press, 1996.

GREEN, L. How popular musicians learn. Aldershot: Ashgate Publishing, 2002.

GREEN, L. Music, informal learning and the School: a new classroom approach. Burlington: Ashgate Publishing, 2008.

PORTILHO, O. 2009. AC/DC dá aula de rock para 65 mil pessoas em São Paulo. Disponível em: <<http://musica.terra.com.br/interna/0,,OI4126752-EI1267,00.html>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

ROSA, M. "Que país é este": representações da nação brasileira na canção de Renato Russo. Disponível em: <<http://sitemason.vanderbilt.edu/files/gK7OI8/Marli%20Rosa.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2012.

SANTA FÉ JÚNIOR, Clóvis. Rock "politizado" brasileiro: uma expressão juvenil crítica e distópica nos anos 80. Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP. Campinas, ano 12, n. 1, p. 175-212, 2005.

SOUZA, J. et al. Práticas de aprendizagem musical em três bandas de rock. Per Musi. Belo Horizonte, v. 7, p. 68-75, 2003.

SWANWICK, K. Ensinando música musicalmente. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Editora Moderna, 2003.

TINTI, S. P. M. História do Rock. Disponível em: <<http://whiplash.net/materias/biografias/000398.html>>. Acesso em 12 abr. 2012.

WICKE, P. Rock Music: culture, aesthetic and sociology. Cambridge University Press, 1990.

Álbuns citados

Deep Purple. Machine Head (1972)

Derek and the Dominos. Layla and Other Assorted Love Songs (1970)

Guns N' Roses. Appetite for destruction (1987)

Legião Urbana. Que país é esse? (1987)

Michael Jackson. Thriller (1983)

The Beatles. Yellow Submarine (1968)

